

Uma herança pesada

Como toda a gente sabe, um dos factores que mais condicionam o desenvolvimento económico do nosso país é a baixa qualificação dos recursos humanos. De acordo com a coluna (4) do quadro 1, em Portugal apenas 20% da população entre os 35 e os 44 anos terá concluído o ensino secundário. Essa proporção é a mais baixa num conjunto de 28 países. Por ordem ascendente, acima de Portugal estão a Turquia (25%), o México (26%), a Espanha (48%) e a Polónia (49%). Por ordem decrescente, no topo da tabela, estão o Japão (94%), a República Checa (91%), a Eslováquia (91%) e a Noruega (91%).

O facto de a mão-de-obra disponível em Portugal ser, em média, menos qualificada, inevitavelmente condiciona a qualidade do investimento praticável no nosso país e daí o nível de salários que é economicamente sustentável. Tudo isso se sabe. Como também se sabe que, não sendo em geral fácil aumentar o nível de qualificação dos adultos, a economia portuguesa está condenada a arrastar consigo ao longo das próximas três décadas uma massa de gente com baixo nível de instrução, que no contexto da economia global dificilmente escapará a uma competição salarial com os trabalhadores de países mais atrasados do que o nosso.

Poder-se-á, no entanto, pensar que nesta matéria as coisas só podem melhorar. Como hoje em dia a grande maioria dos jovens vai à escola e a percentagem daqueles que completam o ensino secundário é cada vez maior, o problema parece poder resolver-se pela própria evolução demográfica. Para que assim fosse, seria, no entanto, necessário que aqueles que hoje frequentam a escola adquirissem níveis de qualificação semelhantes aos que adquirem os

MIGUEL LEBRE DE FREITAS

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

seus pares nos países para os quais pretendemos convergir. Ora os dados disponíveis não apontam para tal conclusão.

Para avaliar a eficácia dos diversos sistemas de ensino, a OCDE tem vindo a realizar testes vários junto de alunos de 15 anos em diversos países. O último teste (Pisa 2003) procurou essencialmente medir a capacidade dos alunos em utilizar a matemática para resolver problemas concretos da vida real. As classificações médias obtidas pelos alunos nessa componente em 28 países estão na coluna (1) do quadro 1.

No conjunto dos 40 países investigados, os alunos portugueses ficaram em 30.º lugar. Entre os que revelaram pior desempenho que Portugal, encontram-se a Itália (31.º), a Grécia (32.º), Turquia (34.º), o México (37.º) e o Brasil (40.º). À frente de Portugal estão países como Hong-Kong (1.º), a Finlândia (2.º), o Japão (6.º) e Macau (9.º). Como a média é muda quanto à variabilidade do desempenho dentro de cada país, os alunos também foram classificados em níveis distintos, de acordo com o grau de dificuldade dos exercícios que conseguem resolver. Num total de 40 países, Portugal

Quadro 1

CLASSIFICAÇÃO MÉDIA POR PAÍS NO TESTE DE MATEMÁTICA E VARIÁVEIS SOCIOECONÓMICAS

	Competitividade média nos testes de matemática	PIB per capita (PPP)	Despesa acumulada por estudante dos 6 aos 15 anos (PPP)	Porcentagem da população entre os 35 e os 44 anos com pelo menos ensino secundário	Produtividade das despesas em educação
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Finlândia	544	26344	54373	85	10.0
Coreia do Sul	542	15916	41802	79	13.0
Holanda	538	28711	55416	71	9.7
Japão	534	26636	60004	94	8.9
Canadá	532	29290	59810	86	8.9
Bélgica	529	27096	63571	66	8.3
Suíça	527	30036	79691	85	6.6
Austrália	524	26685	58480	62	9.0
Nova Zelândia	523	21230	-	80	-
Rep. Checa	516	14861	26000	91	19.9
Islândia	515	28968	65977	62	7.8
Dinamarca	514	29223	72934	81	7.1
França	511	26818	62731	68	8.1
Suécia	509	26902	60130	87	8.5
Austria	506	28372	77255	82	6.5
Alemanha	503	25453	49145	86	10.2
Irlanda	503	29821	41845	65	12.0
Rep. Eslovaca	498	11323	14874	91	33.5
Noruega	495	36587	74040	91	6.7
Polónia	490	10360	23387	48	21.0
Hungria	490	13043	25631	79	19.1
Espanha	485	21347	46774	46	10.4
Estados Unidos	483	35179	79716	88	6.1
PORTUGAL	466	17912	48811	20	9.5
Itália	466	25377	75693	50	6.2
Grécia	445	17020	32990	58	13.5
Turquia	423	6046	-	25	-
México	385	9148	15312	26	25.2

Fonte: OECD 2004, "Learning from Tomorrow's World - First results from PISA 2003"

aparece 32.º no que respeita à percentagem de alunos que consegue atingir um nível considerado de excelência.

Esses dados sugerem que o desfasamento entre a qualidade dos recursos humanos em Portugal e na generalidade dos países desenvolvidos se vai continuar a agravar. Isto é, já não chega o facto de em Portugal existir uma larga fatia da população adulta que não completou o ensino secundário e de esse contingente ser engrossado todos os anos pelo elevado abandono escolar: a divergência atinge também os próprios alunos que beneficiam do sistema de ensino e que nele progridem. Se nem esses logram atingir níveis de qualificação equivalentes aos dos seus pares no resto do mundo, poder-se-á questionar se algum dia o País escapará ao segmento de especialização em que tem permanecido.

Do ponto de vista da política, naturalmente importa entender o que está errado. Porque razão os nossos alunos aprendem pior as mesmas matérias?

Numa tentativa de explicar as diferenças encontradas, o relatório de Pisa sugere três variáveis que captam diferenças no contexto socioeconómico. Essas variáveis estão reproduzidas nas colunas (2), (3) e (4) do quadro 1: o PIB *per capita* em paridades de poder de compra, (2); as despesas acumuladas em educação por aluno entre os 6 e os 15 anos de idade, (3); a percentagem da população entre os 35 e os 44 anos (supostamente os progenitores) com pelo menos o ensino secundário.

O relatório de Pisa peca, no entanto, por apenas analisar correlações parciais. Essas correlações estão descritas nas colunas I, II e III do quadro 2. Atendendo apenas a essa informação, seríamos levados a concluir, na linha do relatório, que qualquer dessas variáveis ajuda a explicar a variabilidade do desempenho dos alunos entre países. Se formos um pouco mais além, no entanto, e averiguarmos como se comporta cada uma dessas três variáveis na presença das restantes (colunas IV-VII do quadro 2), verificamos que apenas uma delas é suficientemente robusta para poder ser alvitrada como explicativa: a que mede o nível de educação da geração dos progenitores, (4). Isoladamente, essa variável explica 55% da variância dos resultados obtidos pelos alunos nos testes de matemática. Quando a variável (4) é incluída na regressão, nem o PIB *per capita* nem as despesas em educação se revelam úteis para prever a classificação obtida nos testes de matemática⁽¹⁾.

Numa interpretação estrita, poder-se-ia conjecturar que o problema está nos encarregados de educação, ao não conseguirem transmitir aos seus filhos métodos de trabalho ou os valores essenciais para estes procurarem retirar da escola o maior benefício possível. Mas a geração dos pais é também a geração dos professores e dos dirigentes. Em geral, o nível cultural da sociedade influencia a forma como as instituições são desenhadas e ajustam as suas práticas às idiossincrasias da comunidade que com elas interage. Os resultados não são, portanto, inconsistentes com o princípio mais básico e essencial que há em economia: "As pessoas fazem aquilo que são incentivadas a fazer; aquilo que não

Quadro 2

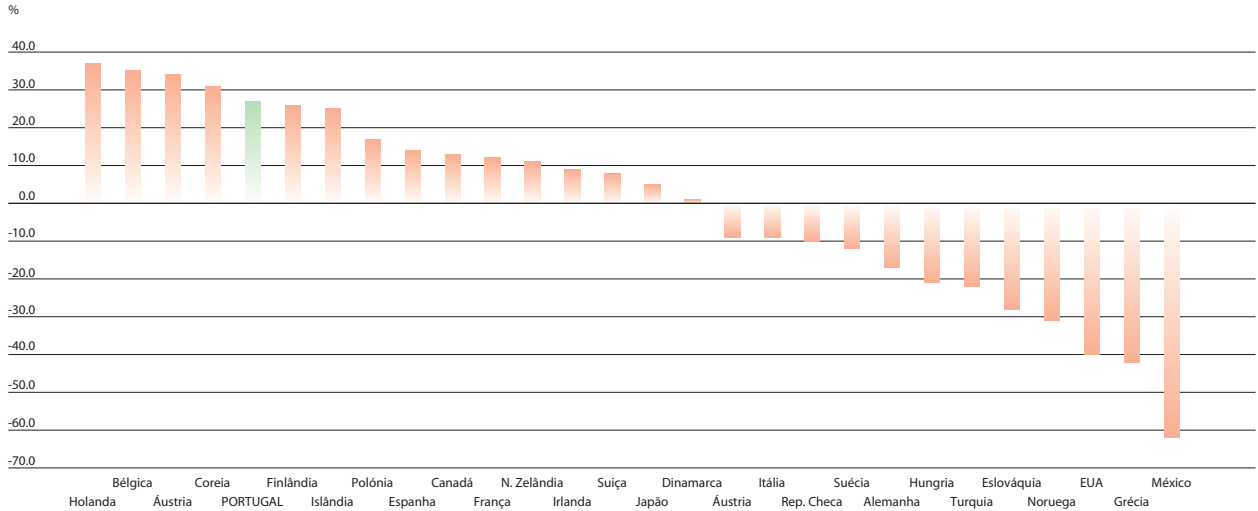
VARIÁVEL DEPENDENTE: CLASSIFICAÇÃO MÉDIA NOS TESTES DE MATEMÁTICA

	I	II	III	IV	V	VI	VII
(2) PIB per capita	0.0024			0.0002	0.0023	0.0011	
(3) Despesas							
em educação		0.0007		0.0003	-0.0001		0.0004
		2.1 *		0.5	-0.2		1.4
(4) Escolaridade							
35-44 anos			1.22	0.99		1.02	1.00
			5.1 ***	3.3 ***		3.8 ***	3.7 ***
R-quadrado	0.28	0.15	0.50	0.47	0.20	0.55	0.47
Num observações	28	26	28	26	26	28	26

Notas: *, **, ***: Significativo a 10%, 5%, 1%. Cada coluna descreve os resultados de um regressão linear simples onde se explica a classificação média obtida pelos alunos no teste internacional de matemática com base numa combinação específica das três variáveis indicadas.

Figura 1

DESVIO PERCENTUAL ENTRE A NOTA DE MATEMÁTICA OBTIDA NO TESTE DE PISA
E A NOTA QUE SERIA ESPERADA, TENDO EM CONTA
O NÍVEL EDUCACIONAL DA GERAÇÃO DOS PROGENITORES



Fonte: Resíduos da regressão VI do Quadro 2.

são incentivadas a fazer não fazem". Se os nossos alunos aprendem menos, possivelmente é porque o contexto familiar, social e institucional não é de molde a incentivá-los a estudar mais.

Este resultado sugere que a melhoria da qualidade do sistema educativo (ou da sua eficácia) está longe de se resumir a uma questão financeira. Antes aponta para um problema mais profundo, enraizado (ou correlacionado) com o nível de educação dos pais mais velhos. Como, pela sua natureza, esta variável não pode ser alterada num curto espaço de tempo, isso aponta para uma grande dose de inércia na evolução dos níveis de qualificação. O que não é bom em matéria de convergência.

Tal não significa que a política não tenha um papel relevante. Conforme mostra a coluna VI do quadro 2, apenas 55% da variância das notas dos testes é explicada com base na variável (4). Se os restantes 45% forem atribuíveis a variáveis de natureza política, existirá alguma margem de manobra para atenuar os efeitos adversos de uma população iletrada.

Curiosamente, no caso português, os dados não sugerem existir uma grande folga. A figura 1 descreve em

que medida o desempenho dos alunos de cada país terá excedido ou defraudado o que deles se esperaria, tendo em conta a incidência diferencial da variável (4). Os dados revelam que, se controlarmos esse efeito, os alunos portugueses demonstraram um desempenho notável nos testes de Pisa: em 28 países, Portugal aparece em quinto lugar, a seguir à Holanda, Bélgica, Austrália e Coreia do Sul. Isto significa que, no que toca aos restantes 45%, Portugal apresenta já um desempenho bem acima da média. Ou seja, à luz deste exercício, muita criatividade será necessária para conseguir ir mais longe.



NOTA (1) A interpretação desse resultado é intuitiva (perdoe-me o leitor o detalhe técnico): se a variável (4) é, de facto, importante, na medida em que (4) ajuda a prever (2) e (2) ajuda a prever (3), na ausência de (4) tanto (2) como (3) surgem significativas, não por existir uma relação de causalidade, mas sim por captarem o efeito da variável omitida.